

**NARRATIVA BÍBLICA:
UMA ABORDAGEM LITERÁRIA DE MATEUS 2.1-12**

Lourdes Nunes¹

RESUMO

Usando o texto narrativo de Mateus 2.1-12, da Bíblia Sagrada, tradução João Ferreira de Almeida, analisa-se os aspectos de personagens, narrador, enredo, cenário e tempo. Tendo como base principal de apoio os livros *Como analisar narrativas*, *A arte da narrativa bíblica* e *Para ler as narrativas bíblicas*.

Palavras-chave

Narrativa bíblica, personagem, narrador, enredo, cenário, tempo.

ABSTRACT

Using the narrative text of Matthew 2.1-12, the Holy Bible, João Ferreira de Almeida translation, we analyze the aspects of characters, narrator, plot, setting and time. Having as a main base of support, the books *How to analyze narratives*, *The art of biblical narrative* and *To read the biblical narratives*.

Key words

Biblical narrative, character, narrator, plot, setting, time.

Texto bíblico: Mateus 2.1-12

Versão João F. Almeida Revista e Atualizada

1 Tendo Jesus nascido em Belém da Judéia, em dias do rei Herodes, eis que vieram

¹ Mestranda em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie.

uns magos do Oriente a Jerusalém.

2 E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo.

3 Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém;

4 então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer.

5 Em Belém da Judéia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta:

6 E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel.

7 Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera.

8 E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo.

9 Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino.

10 E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo.

11 Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra.

12 Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo a análise da narrativa bíblica em Mateus 2.1-12, com base nos pressupostos teóricos de estudo da Bíblia como literatura, considerando o texto a partir do eixo da comunicação. Interessa saber como a mensagem do autor é assimilada pelo leitor a partir da estrutura do texto.

O evangelho de Mateus foi escrito em um tempo de confronto entre o Judaísmo e o Cristianismo, apresentando possibilidade de unificação da diversidade religiosa por meio de uma visão de fidelidade e obediência à direção dada por Jesus Cristo em seus ensinamentos. O texto escolhido para análise compreende o momento do anúncio, por meio dos magos do Oriente, do nascimento de Jesus ao rei Herodes.

Para esse estudo, a base teórica principal é a análise literária da narrativa bíblica, conforme exercitada nos livros: *Como analisar narrativas* (GANCHO, 2006), *A arte da narrativa bíblica* (ALTER, 2007) e *Para ler as narrativas bíblicas* (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009) aplicada ao texto bíblico da tradução de João Ferreira de Almeida revista e atualizada no Brasil. Cada elemento da narrativa será analisado, conforme a teoria literária, dentro do texto com o objetivo de entender não somente sua estrutura constitutiva,

mas também verificar as possíveis interpretações que podem ser apreendidas.

A análise de narrativas bíblicas

Contar histórias é uma das atividades mais antigas do ser humano; primeiro por meio da oralidade e depois por intermédio de desenhos e da escrita. Narrar faz parte da história do homem, desde a atividade cotidiana até a pena de grandes escritores. Dentro do contexto literário, são apresentados alguns elementos fundamentais para a estruturação de uma narrativa. São eles: personagens, narrador, enredo, cenário e tempo.

Por ser o gênero narrativo tão amplamente usado com diferentes propósitos, vale especificar algumas características que estão presentes nas narrativas bíblicas que conduzem a interpretações múltiplas, porém, orientadas pelo fio condutor estabelecido por sua especificidade: “[...] as narrativas bíblicas foram transmitidas de geração em geração, alimentando a fé e inflamando a imaginação” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 9). Para cumprir sua finalidade de alimentar a fé, as narrativas bíblicas são tecidas seguindo alguns padrões. Entre eles, o de cena-padrão, desenvolvido por Walter Arend em 1933, segundo cita Alter (2007). O mais importante dessa ideia para nossa análise é a configuração dos fatos que envolvem os personagens, formando uma composição que reafirma o caráter oral da narrativa:

Como na Bíblia a narrativa geralmente flagra seus protagonistas em momentos críticos e reveladores de suas vidas, a cena-padrão bíblica não transcorre na prática dos rituais da existência cotidiana, mas em situações críticas da vida dos heróis, da concepção ao nascimento, do compromisso de casamento à morte (ALTER, 2007: 85).

É importante ressaltar também que a narrativa bíblica é enxuta, livre de muitas explicações, optando por contemplar o que tem valor significativo. Só é dito o que precisa ser dito: “[...] tudo que é relatado é essencial para a história, mas certas pistas especiais são sugeridas pelo ritmo com que se descrevem as ações” (ALTER, 2007: 126).

Elementos que constituem Mateus 2.1-12

Ao contrário do que aponta Alter como opção dos escritores bíblicos, a presença

discreta do narrador, o texto em análise faz uso, em grande parte, do discurso indireto, característico do narrador, só utilizando o discurso direto para citar uma fala do passado, na pessoa do profeta.

A narrativa de Mateus 2.1-12 se estrutura sobre os cinco elementos já apontados no item anterior. Pontuaremos algumas observações desses elementos dentro do texto para então levantar algumas questões pertinentes à sua interpretação como um todo.

Cenário

Embora a narrativa faça menção da vinda dos magos do Oriente, o cenário principal dos fatos é Jerusalém – sem citar locais específicos, no princípio e meio da história; e Belém, no final, especificando o local: a casa.

Há uma preferência por fazer menção, repetidas vezes, às cidades, talvez por Belém e Jerusalém serem de suma importância em todo o contexto literário bíblico, tanto no sentido geográfico – do lugar onde os fatos acontecem – como no sentido simbólico, da interpretação dos fatos na vida das pessoas envolvidas. As cidades são representações daqueles que fazem parte da ação de Deus. Também é possível notar (v. 1, 5 e 6) que, ao indicar Belém como local do nascimento de Jesus, há uma especificação dessa localização: “da Judéia” e “terra de Judá”. Essa indicação traz à memória o referencial histórico da profecia de Miquéias 5.1, corroborando o fato de que o local onde Jesus havia nascido confirmava a veracidade de sua identidade real. É, portanto, de suma importância considerar essa informação uma vez que ela também deixa claro que o rei dos judeus (v. 2), Jesus, “procede da região onde habitou a tribo de Davi – Judá”².

Jerusalém se destaca no texto por ser o palco onde as ações se desenrolam. Os magos dirigem-se para Jerusalém, a Cidade Santa, porque esperam encontrar ali as informações que necessitavam. Isso pode ser explicado pelo fato de ser essa cidade a capital da nação, centro do poder político, religioso e econômico.

² FERREIRA, João Cesário Leonel. *Jesus, Herodes e os magos: uma interpretação histórico-literária de Mt 2.1-12*. São Paulo, 2004. Disponível em: <www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_IX__2004__1/leonel.pdf>. Acesso em 4 ago. 2010.

Personagens

É possível identificar os seguintes personagens nesse trecho narrativo: Jesus, Herodes, uns magos do Oriente, a estrela, os principais sacerdotes, escribas do povo. Note-se que tomamos também como personagens coisas ou pessoas que tenham uma participação ativa na composição da narrativa, considerando que “Os personagens são a face visível do enredo; eles o suscitam, alimentam e vestem [...]” (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009: 75). Também podemos considerar personagens: toda a Jerusalém, a cidade de Belém, o profeta e Israel, por reportarem aos elementos históricos que enriquecem a compreensão da narrativa.

Jesus é o protagonista da história, aquele que tem características superiores aos demais e é o centro das atenções de todo o restante do grupo de personagens. Todos agem em função de sua existência e de seu papel. É interessante notar que, mesmo como protagonista, o Jesus-menino não faz coisa alguma.

Herodes pode ser identificado como antagonista, uma vez que, mesmo tendo ficado atemorizado, como diz o texto, em relação à notícia do nascimento do rei dos judeus, expressou, diante dos magos, uma atitude cordata em relação à busca desse rei, escondendo seu verdadeiro sentimento. Ele está também na posição de usurpador, do ponto de vista político. Ele tinha medo que a afirmação dos magos estivesse correta. Segundo MacArthur (1985: 32), vemos que Herodes sabia que havia usurpado o reinado, cujo direito foi adquirido pela força militar. Ele era idumeu³, não judeu, não tendo, por isso, direito de ser chamado rei dos judeus. Ele casou com Mariamne⁴ para ser aceito pelos judeus. Ele era astuto, guerreiro capaz, orador e diplomata. Exigiu taxas do povo. Em tempos difíceis, derreteu peças de ouro para alimentar os pobres (25 a.C.). Construiu teatros e pistas de corrida para entretenimento do povo; em 19 a.C. começou a reconstrução do templo de Jerusalém. Reconstruiu e restabeleceu cidades. Era cruel e misericordioso. Ciumento, suspeitava de tudo, sentia medo por sua posição e poder.⁵

O narrador coloca a posição de Herodes em relação a Jesus como antagonista de

³ Natural da província greco-romana estabelecida no sul da Palestina. Para maiores detalhes, consultar: TENNEY, Merrill C. (Org.) *Enciclopédia da Bíblia – cultura cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, v. 3, p. 177-178.

⁴ “Heiress to the Jewish Hasmonean house” (tradução nossa). MACARTHUR, John F. *Matthew 1-7*. Winona Lake: BMH BOOKS, 1985, p. 26.

⁵ Para saber mais sobre o rei Herodes, consultar: MACARTHUR, 1985: 25-36.

forma intencional. Trabalha nas entrelinhas para conduzir o leitor a uma compreensão do papel de cada um na história. Esse processo é observado nos estudos das narrativas bíblicas: “A deliberada seleção de meios e as estratégias técnicas contrastivas ou comparativas usadas na caracterização dos personagens bíblicos são, em certo sentido, ditadas pela visão bíblica do homem” (ALTER, 2007: 175).

Assim concluímos porque podemos inferir dos personagens algumas características “pelo modo de ser e as intenções dos personagens, que podem ser feitas de maneira categórica ou motivada pelo contexto” (ALTER, 2007: 177).

Dos magos pouco se sabe. Não é possível afirmar com precisão o país ou países de onde eles saíram. A menção ao Oriente não traz especificidade, como afirma Augustinovich, citado em Ferreira (2004: 37): “a expressão é muito vaga. Para a Bíblia, o ‘*oriente*’ é tudo o que está a leste do rio Jordão: Transjordânia, Arábia, Babilônia, Pérsia.” Não há referência quanto ao número deles. Determinar o número pela quantidade de presentes seria uma afirmação fraca, uma vez que não é dito que cada um entregou um presente, e, sim, que “[...] abrindo seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas.” (v. 11). Podemos apenas considerar que eram influenciados pela literatura judaica por terem saído de sua terra com objetivo de adorar aquele que chamavam de “Rei dos judeus”- de alguma forma eles conheciam a importância religiosa da criança que havia nascido, tanto por estarem dispostos a adorá-la como também por conhecerem esse título que era bem familiar aos judeus. Não sabemos exatamente como Deus revelou aos magos essa informação.

Não só os magos são alvos de especulações, também a estrela que os conduziu. MacArthur (1985: 29) diz que alguns consideram que a estrela seria o planeta Júpiter⁶ ou ainda, Júpiter e Saturno - formando uma imagem de peixe⁷. Outros ainda disseram ser um meteoro, um cometa errante, ou ainda uma simples visão que surgiu a partir da esperança nos corações humanos. Mas não há muitas informações a respeito. Sabe-se, no entanto, que uma estrela comum não levaria diretamente a uma casa. O próprio autor se posiciona lembrando-nos a glória de Deus presente em forma de luz em outras ocasiões, como a glória em volta dos pastores no anúncio do nascimento de Jesus (Lc 2.9) e também nas manifestações no Velho Testamento (Êx 13.21).

⁶ “Rei dos planetas” (tradução nossa).

⁷ “Símbolo do Cristianismo nos primórdios da Igreja durante as perseguições dos romanos” (Tradução nossa).

Os sacerdotes – descendentes de Arão – eram a força religiosa e política, assim como os magos. Todos os sacerdotes judeus eram da tribo sacerdotal de Levi e, mais especificamente, descendentes de Arão, o primeiro sumo sacerdote. De certa forma, os sacerdotes estariam em posição correspondente à dos magos, tanto com poder político como religioso.

Os escribas – autoridades da lei, das Escrituras. Eram, em primeiro lugar, fariseus, autoridades nas leis dos judeus, correspondendo à posição de advogados. Eles usufruíam de certo prestígio entre os judeus e eram reconhecidos como os principais estudiosos da religião judaica.

“Toda a Jerusalém” tem importância especial como personagem no decorrer da história. A continuação do evangelho de Mateus vai apresentar a ação de Jerusalém ao receber Jesus mais tarde com palmas e cânticos (Mt 21.8,9) e depois conduzi-lo à morte (Mt 26.47). O “alarme”, citado no verso 3, produzirá mais tarde uma participação no precipitar dos fatos, porque todos queriam a princípio saber quem era aquele homem e qual o papel político dele e, instigado pelos líderes judeus, o povo tem uma participação direta no apoio às ações contra Jesus (Mt 26.47). Também Jerusalém é cidade palco de grandes feitos de Jesus. Um exemplo disso foi a purificação do templo (Mt 21.12-17); o fato de expulsar e condenar a prática de comércio dentro do templo certamente despertou a atenção de muitos para Jesus.

A cidade de Belém também é vista como agente de recepção daquele que traria grande mudança para o povo. Sua existência é fundamental para corroborar o que fora dito pelo profeta. Esse profeta, embora não seja especificado, pode ser reconhecido pela referência às suas palavras (Miq 5.2). Nesse ponto, também o profeta exerce papel fundamental; mesmo sendo apenas citado, sua autoridade transpõe o tempo e vai justificar a saída dos magos de terra tão distante para estarem em Jerusalém. E Israel não é apenas o povo da promessa que vem acompanhando toda história que se desenrola antes e depois do trecho em análise, mas também por meio desse povo nasce aquele que está sendo procurado nesse momento da narrativa e que é razão da própria narrativa.

Por fim, Maria, aquela que em outro momento da história fora protagonista (Mt 1.18-25), nesse momento exerce papel secundário, apenas cuidando do menino Jesus (v. 11).

Narrador

No que diz respeito ao narrador, o texto mostra um distanciamento comprovado pelo uso de terceira pessoa. Ele apenas narra os fatos, ocorridos em vários espaços de tempo, sem fazer comentários explícitos a respeito dos acontecimentos; por exemplo, quando diz, no verso 3, que “Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém [...]” – não há explicação de como ocorreu a situação em que o rei ouviu a respeito de Jesus e nem de como a notícia se espalhou por toda a Jerusalém. Sabe-se que Herodes ouviu e que os magos estavam falando sobre isso, mas não é dito em que lugar estavam nem em que tom isso foi dito, quem contou para quem etc. Também não há explicação exata para o que foi feito ou dito por Herodes, nesse momento da narrativa, para que fosse inferido seu estado de alarme. O narrador informa esse estado de alarme do rei para em seguida mostrar que ele foi buscar mais informações a respeito do Cristo prometido (v. 4).

A onisciência do narrador se apresenta de uma forma singular, porque ele sabe toda a história do que ocorreu em cada lugar, dá pistas das intenções – quem tem boas intenções e quem não tem – mas não deixa claro sua fonte nem até que ponto ele sabe; ele inclusive sabe de coisas que ocorreram secretamente, como indicado no verso 7; a omissão dos detalhes pode ser uma forma de deixar implícito o limite, ou não, do saber desse narrador. Também é uma forma de chamar o leitor para participar do texto, completando seus sentidos em aberto.

Tempo

O relato tem início com fatos que estão situados antes do tempo em que a história transcorre: o nascimento de Jesus e a saída dos magos de sua terra. Omitir o relato desses momentos históricos produz um efeito de certeza de ocorrência, não ocupando o centro da narrativa.

Embora o tempo cronológico seja evidente no transcorrer dos fatos, não há expressões que delimitem o tempo transcorrido entre o começo e o final do relato. A marcação das ações se dá pelo uso dos verbos: “tendo [...] nascido” (v. 1); “é nascido” (v. 2); “havia de nascer” (v. 4); “está escrito” (v. 4); “aparecera” (v. 7); “Tendo” (v. 9); “sendo” (v. 12):

Na narração bíblica essencial, os verbos tendem a ocupar um lugar dominante, e, de vez em quando, nos deparamos com súbitas e densas concentrações ou séries ininterruptas de verbos, geralmente ligados a um único sujeito, indicando uma intensidade, rapidez ou atividade deliberada e obstinada [...] (ALTER, 2007: 126).

Ainda que fosse feito um cálculo baseado no tempo que os magos levariam para percorrer o caminho do Oriente até a Palestina, seria necessário saber exatamente de onde eles partiram e o tempo que passaram em Jerusalém, e isso não é determinado na narrativa.

Enredo

Um primeiro olhar no texto nos levaria a indicar o conflito em torno da busca dos magos e a saída de sua terra para chegar até o ponto aonde iriam completar sua tarefa. Mas em se tratando de uma narrativa bíblica, também o enredo tem suas peculiaridades. A promessa da vinda de Jesus atravessa toda a narrativa bíblica anterior ao texto em análise. Nesse ponto a promessa se cumpre, e o que está em conflito aqui é reconhecimento desse cumprimento. O texto em análise aponta exatamente a saída dos magos para a missão de encontrar aquele que queriam adorar, Jesus. Esse fato é interrompido pela parada em Jerusalém, que gera um estado de tensão pela possibilidade de impedimento na interferência do rei Herodes, mas a promessa que os magos fazem de retornar com mais informações produz uma solução desse conflito. Por fim, os magos chegam ao local onde Jesus está e conseguem cumprir o propósito pelo qual estavam realizando aquela viagem.

Para testemunhar o cumprimento da promessa tão esperada, os magos saíram de sua terra preparados com presentes especiais para um momento especial. Eles percorrem o caminho que os levará a reconhecer que, de fato, nasceu aquele que é o “Rei dos judeus”, e que mudará a história, não apenas dos judeus, mas de toda a humanidade, inclusive dos magos.

Herodes pretendia ser rei dos judeus. Tomar conhecimento de que outro, ainda que “recém-nascido”, recebia o título que ele arrogava para si gerou uma atitude de alarme e prudência. Isso o fez procurar garantir que a informação completa sobre a criança chegasse até ele por intermédio dos magos para então eliminá-la e, assim, deixar de sofrer a ameaça de Jesus assumir o seu lugar.

A certeza do cumprimento da promessa era grande para os magos, a ponto de fazê-

los sair à procura do recém-nascido. Os demais personagens giram em torno da promessa cumprida. Belém recebera há muito tempo a palavra do profeta como indicação de ser a cidade do cumprimento da promessa. A citação das palavras do profeta é uma confirmação de que o nascimento de uma criança que cuidaria do povo de Israel nasceria em Belém da Judéia, confirmando as expectativas dos magos.

O rei Herodes poderia ter enviado, juntamente com os magos, pessoas que pudessem vigiá-los para averiguar se eles voltariam com a informação, mas o texto nada diz acerca disso. Quando o rei libera os magos apenas com a garantia de que voltariam, a narrativa conduz diretamente para o desfecho: finalmente a estrela para no local onde os magos iriam comprovar que a promessa de fato se cumprira. Ali mesmo eles são divinamente orientados a tomar outro caminho de volta para sua terra, eliminando assim uma nova tensão na narrativa.

Considerações finais

A pequena porção dos elementos analisados neste primeiro momento confirma a importância de uma leitura cuidadosa do texto literário, buscando descobrir sua essência, apreendendo toda sua riqueza à medida que submete as observações a outros estudos baseados em pressupostos científicos metodológicos.

Em nossa análise procuramos destacar a relevância histórica dos locais onde os fatos ocorreram, por serem cidades que foram mencionadas nas profecias e também locais que fazem a ligação do nascimento de Jesus com outros momentos de grande importância para o povo de Israel. Além de cenários da narrativa analisada, essas cidades cumprem a função de personagens da constituição da história. Cada personagem é analisada por sua relevância, com foco especial para os magos como aqueles que querem realizar um feito, encontram o ponto de tensão nas ações do rei Herodes e vão ao encontro daquele que é razão de toda a história apontada na perícopé analisada e que também está presente no antes e no após. O narrador é visto por meio da comparação dos pressupostos teóricos específicos da narrativa bíblica aplicados ao trecho estudado, verificando-se a singularidade de seu conhecimento das personagens. O tempo tem seu destaque no uso dos verbos para marcação dos acontecimentos e, por fim, o enredo aponta para o desenrolar da história a partir do entrelaçamento desses elementos para produção de sentido.

Buscamos apontar pontos de compreensão no texto, sabendo que, a depender do foco da análise e pela riqueza de informações que podem ser levantadas, muita contribuição ainda pode ser dada em estudos interpretativos do texto.

Referências bibliográficas

ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BÍBLIA Sagrada. 2. ed. Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 9. ed. São Paulo: Ática, 2006.

MACARTHUR, John F. *Matthew 1-7*. Winona Lake: BMH BOOKS, 1985.

MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. *Para ler as narrativas bíblicas*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 2009.

SILVA, Cássio Murilo Dias da Silva. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007.